

Por uma Educação Transgressora – Relatos de Práticas Antirracistas e não Xenofóbicas na Rede Municipal de Ensino

Por André Moreira

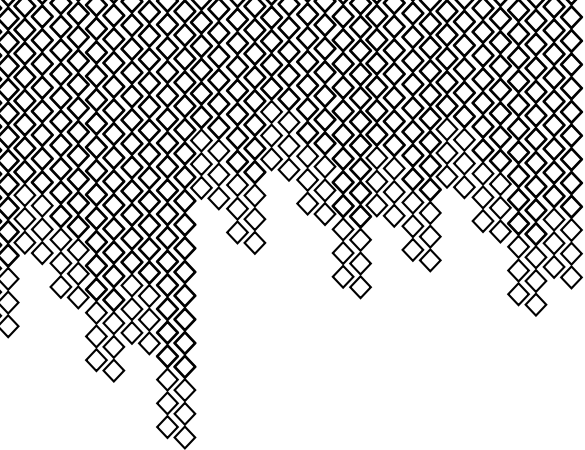
Eva Santos

Karine Carvalho

*Responsáveis pelas ações do Núcleo de Educação para as
Relações Étnico-Raciais - DC/COPED/SME*

Entre os dias 24 e 25 de maio de 2022, foi realizado o IV Congresso de Educação para as Relações Étnico-Raciais: Por uma Educação Transgressora - Práticas Antirracistas e não Xenofóbicas. O evento reuniu educadoras(es) dos treze territórios da cidade, que, apesar das restrições ainda impostas pela Pandemia do COVID-19, aceitaram o desafio de relatar as práticas pedagógicas realizadas em suas Unidades Educacionais.

No evento, as(os) educadoras(es) relataram o desenvolvimento de intervenções pedagógicas, proposições formativas realizadas e ações efetivadas por meio de parcerias com coletivos externos à Unidade. As apresentações demonstraram o compromisso das(os) profissionais de educação com o ensino das histórias e culturas indígenas, migrantes, africanas e afro-brasileiras, e, ao mesmo tempo, a necessidade de investirmos ainda mais em subsidiar o trabalho que realizam com a ampliação de formação, elaboração de materiais institucionais, elaboração e aquisição de materiais de apoio. Após o Congresso, foi solicitado às(aos) participantes que enviassem um breve relato para compor essa publicação.

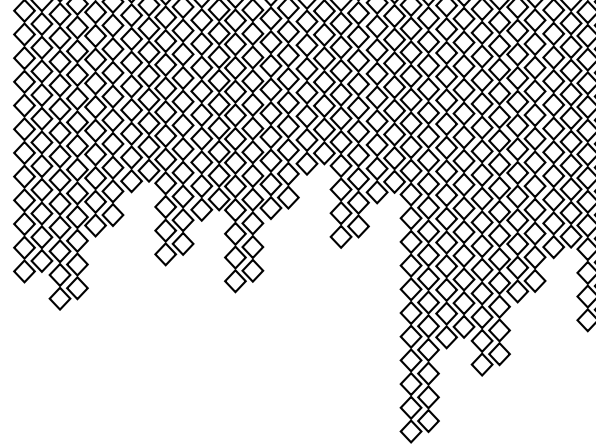


Assim, a relevância desse compilado se dá pela visibilidade às práticas educativas da Rede Municipal de Ensino - RME nas distintas regiões da Cidade de São Paulo e, como qualquer manifestação/reflexão educacional, está circunscrita num espaço e tempo específico. Em 2022, no contexto de retorno das aulas presenciais - após um período em que se colocou não só o desafio da continuidade dos processos de ensino e aprendizagem num cenário de distanciamento físico, mas, sobretudo, garantir que ela se desse a todas(os) estudantes -, os relatos aqui apresentados referem-se a práticas de anos anteriores à 2020. Desse modo, é importante pontuar que algumas abordagens refletem intervenções pedagógicas (conceitualmente e metodologicamente) que tiveram muito relevância, mas que foram repensadas, modificadas e redimensionadas.

As discussões e análises, por exemplo, de como as desigualdades raciais também se traduzem em desigualdades educacionais ampliaram-se muito e, por isso, mais do que nunca, há a necessidade de transformação e compromisso amplo das(os) educadoras(es) com práticas pedagógicas antirracistas - as quais só são possíveis pela adoção de uma postura profissional ética com vistas ao cumprimento das legislações que preconizam e garantem o direito inegociável a uma educação para as relações étnico-raciais. O comprometimento das(os) educadoras(es) foi evidenciado no Congresso. O conjunto dos relatos/textos submetidos revelou preocupação com o aprimoramento da formação continuada desses profissionais tanto quanto reverbera em suas práticas e intervenções pedagógicas.

Relatos como os encontrados nessa edição, somados aos mapeamentos e acompanhamentos das equipes das Diretorias Regionais de Educação e da Secretaria Municipal de Educação, levaram à formulação de novas políticas e ações nos últimos anos. Houve lançamento de novos documentos de orientações, compras de livros, revisão das propostas de formação, envio de novos materiais e kits pedagógicos para as Unidades Educacionais, além do aumento do engajamento de toda a RME e de seus profissionais em fortalecer propostas educativas relacionadas à Educação para as Relações Étnico-Raciais.

Buscando fortalecer a formação continuada para as(os) profissionais de educação, a Secretaria Municipal de Educação ampliou a aquisição e o envio de obras de referência sobre as temáticas étnico-raciais, dentre outros temas para formação, assim como de obras literárias destinadas aos educadores, dentre as quais as publicações que fazem parte dos Projetos “Formação em Movimento” e “Clube de Leitura: Leia educadora!, Leia educador!”. As equipes responsáveis pela curadoria das obras adquiridas atentaram-se à necessidade de contemplar a bibliodiversidade, de modo a ampliar o número de livros escritos por mulheres,



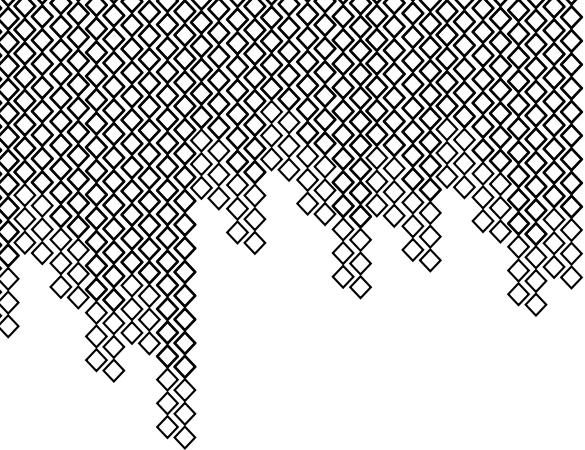
indígenas, migrantes e negros. Além das(os) educadoras(es), bebês, crianças e estudantes também foram contemplados com obras diversas através de outros projetos, como no caso do “Minha Biblioteca”.

Muitos relatos abordaram a importância do brincar, fundamental para o desenvolvimento de bebês e crianças, e como as brincadeiras e propostas lúdicas, quando relacionadas à construção de representações positivas sobre todos os segmentos étnico-raciais, podem favorecer o ensino em perspectivas antirracistas. Foi nessa perspectiva, visando fortalecer essas ações nas Unidades Educacionais que, a partir de 2022, houve ampliação do envio de kits pedagógicos, brinquedos e outras materialidades para complementar os recursos didáticos das Unidades Educacionais, e com isso auxiliar no trabalho já desenvolvido pelas(os) educadoras(es).

Outro ponto fundamental, com grande presença nos relatos a seguir, diz respeito à importância do trabalho coletivo, envolvendo diferentes educadoras(es) na promoção de ações formativas e intervenções pedagógicas ligadas às temáticas indígenas, migrantes e afro-brasileiras. Nesses textos são destacados os papéis da gestão pedagógica, tanto na articulação dos profissionais, quanto na proposição de estudos e reflexões nos espaços de formação continuada. Em alguns desses relatos, é possível visualizar o engajamento coletivo para promover ações de acolhimento de estudantes migrantes e suas famílias. Além disso, fica evidente a relevância da construção de Projetos Político-Pedagógicos (PPPs) que expressem o compromisso das UEs com as pautas étnico-raciais, impulsionando a participação de todas e todos, além do compromisso com a continuidade das ações.

Houve textos em que educadoras(es) se engajaram em pesquisas sobre populações indígenas como estratégia para aprimorar o conhecimento sobre esses povos e a possibilidade de promover novas discussões no campo educacional. A partir da associação entre Unidades Educacionais e parceiros externos, além da participação de estudantes e familiares, essas iniciativas demonstraram o comprometimento dos profissionais de educação com a construção de novas abordagens e a produção de conhecimento.

Entre os relatos de práticas, alguns trazem discussões sobre a construção dos padrões de beleza e estigmatização dos povos negros, indígenas e orientais. Refletem práticas pautadas na perspectiva da interseccionalidade e representatividade, propiciando visibilidade às populações africanas, afro-brasileiras e indígenas com enfoque na construção/representação positiva identitária e acentuam, ainda, de que modo as questões étnico-raciais perpassam todos os componentes e por eles devem ser abordadas.



Outros textos abordam a necessidade de superar perspectivas históricas eurocêntricas, garantindo maior visibilidade às populações africanas, afro-brasileiras e indígenas. De modo geral, eles destacam o protagonismo desses povos na reinterpretação de eventos históricos, propondo uma nova abordagem que inclui a seleção de documentos, objetos e outros elementos de análise sob uma ótica mais inclusiva. Em muitos casos, são apresentadas práticas pedagógicas que valorizam os saberes e as culturas de diferentes povos indígenas e africanos, além de explorar diversas manifestações da cultura brasileira, como o maracatu, o hip-hop, o rap e as batalhas de rimas.

O compartilhamento de ações, como as que foram realizadas no IV Congresso de Educação para as Relações Étnico-Raciais: Por uma Educação Transgressora - Práticas Antirracistas e não xenofóbicas, além de valorizar o trabalho realizado por profissionais de educação que atuam na Rede Municipal de Ensino, favorecem a reflexão sobre a necessidade de uma avaliação constante de nossas ações, independentemente da função que exercemos.

